

EÇA DE QUEIRÓS: A OBRA SUSPENSA

Luiz Fagundes Duarte
 Universidade Nova de
 Lisboa

Introdução

Não é por acaso que o processo genético dos textos dos grandes escritores tem vindo a despertar a atenção dos filólogos, não só enquanto fim mas também - talvez sobretudo - enquanto método científico para alcançar aquele que é um dos objectivos mais palpáveis e intervenientes da actividade filológica: a realização de edições críticas, ou seja, de edições que veiculem rigorosamente o texto considerado óptimo pelo seu autor, despidendo-o das manipulações alheias e inevitáveis decorrentes do seu ingresso no processo histórico geral, mas tendo na devida conta as manipulações autógrafas documentadas por marcas visíveis (raturas, correcções, acrescentos, supressões e deslocamentos de elementos textuais) e que atestam o encadeamento, o cruzamento ou a combinação das diversas linhas de força que determinaram a construção do DESIGNATIUM (a representação feita pelo autor na sua relação com uma língua determinada) que é o texto final.

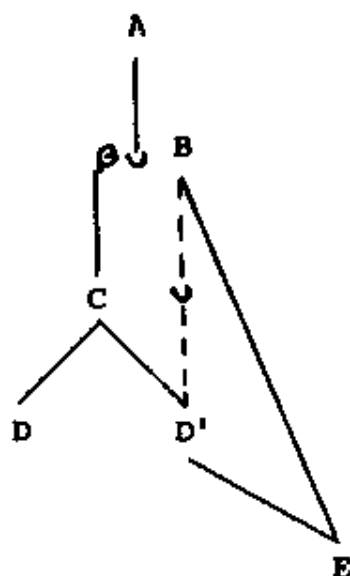
Enquanto finalidade, o estudo genético enfileira nas disciplinas linguísticas, na medida em que se ocupa de unidades e de estruturas linguísticas que vão sendo erradicadas, transformadas ou acrescentadas num dado contexto, de modo a que se tornem "gramaticais" num sentido amplo, ou seja, adequadas a um sistema de significações. Enquanto método científico para a feitura de edições críticas de textos particulares, e sem perder o seu valor linguístico, o estudo genético revela-se cada vez mais como uma etapa decisiva no trabalho editorial, sobretudo quando se trata de obras que o autor não considerou acabadas e que foram publica-

das postumamente; em situações deste tipo, o estudo do comportamento genodiscursivo do autor é fundamental para endossar ou avaliar decisões pontuais, e para definir estratégias discursivas que o autor apenas esboçou ou sugeriu.

Neste contexto, Eça de Queirós é um dos escritores portugueses que levantam maiores problemas ecdóticos, na medida em que deixou um vasto espólio de textos inacabados, e de autógrafos bastante manuseados de textos acabados ou como tal considerados postumamente, que se revela como um "corpus" extremamente rico para um estudo genético. Há alguns anos que me venho ocupando do estudo deste espólio, em particular dos autógrafos de dois romances póstumos cuja edição e divulgação se revestiram e revestirão ainda de características polémicas: A Tragédia da Rua das Flores e A Capital!: o primeiro, trata-se do borrão de um romance que o autor posteriormente submeteu a predação para feitura de outros romances (em particular de Os Maias), e que deontologicamente nunca deveria ter sido publicado como "romance", e muito menos lançado como tal no grande circuito comercial; o segundo, tendo sido acabado, nunca foi considerado pelo autor como literariamente perfeito, razão por que o não quis publicar, tendo a edição feita pelo filho em 1925 (sido muitíssimo alterada tanto em aspectos estilísticos (reescrita de muitas passagens), como diegéticos (eliminação de personagens e transplante das respectivas falas para outras personagens) ou mesmo de pura censura (substituição de palavras por razões de moral social ou de defesa do "bon nome" do autor); o facto de existirem duas versões totais e várias parcelares deste romance, torna-o extremamente interessante para um estudo genético e, na mesma medida, difícil de editar.

Um Exemplo Geral

O complexo autógrafo de A Capital! é um autêntico desfile de suspensões de definitivos que por força do processo de correcção de autor se tornaram provisórios. A partir dos autógrafos existentes na Divisão de Reservados da Biblioteca Nacional com as cotas E₁/287 e E₁/287 A, podemos estabelecer um estema (ou árvore genealógica) da história autógrafa do romance com os seguintes testemunhos e orientações:

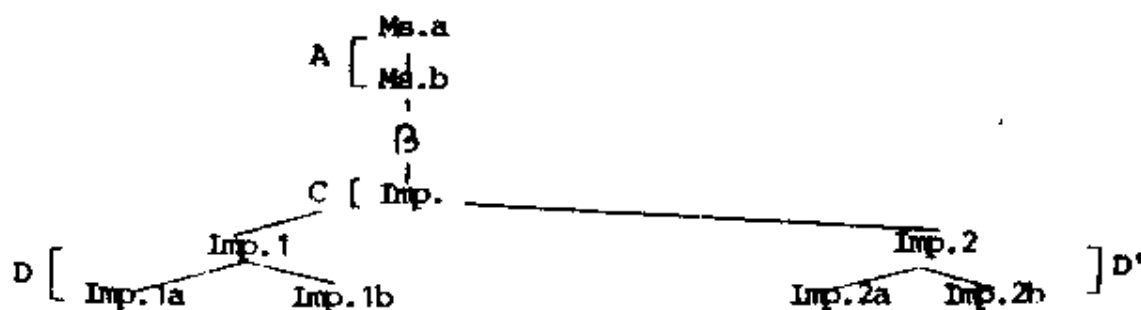


Neste estema, A representa o manuscrito constituído por 207 folhas escritas a tinta de ambos os lados em papel "J. Whatman" com marca de água de 1876 e 1877, composto por volta de 1877-1878, e que contém uma primeira versão completa do romance; é o documento E₁/287 A da Biblioteca Nacional. O conjunto de B e B é o autógrafo datado de 1878 que contém a segunda versão completa do romance; B representa um manuscrito parcelar desconhecido que serviu de base a 78 páginas impressas (C) com dois jogos de alterações autógrafas; e B, um total de 310 folhas manuscritas de diversas dimensões e tipos de papel, escritas de um dos dois lados a tinta ou a lápis, parte delas intercaladas com as folhas impressas; o conjunto das páginas impressas e do manuscrito B constitui o documento E₁/287 da Biblioteca Nacional. As páginas impressas foram-no para a edição prevista e anunciada, mas nunca realizada, do romance pela Livraria Chardron do Porto, e estão datadas de 1878; delas existem dois exemplares na Biblioteca Nacional: o exemplar designado aqui por D e que consiste em 78 páginas numeradas até 80 (faltam as páginas 15-16), com algumas alterações autógrafas; e o exemplar designado por D', com 56 páginas numeradas até 70 (faltam as páginas 23-36, substituídas por 15 folhas manuscritas) com muitas alterações e acrescentos marginais autógrafos a lápis. O conjunto de BUD' é considerado como contendo a versão definitiva E, e serviu de base à edição espúria de 1925 e à tradição por esta iniciada.

Não foi ainda planeada entre nós qualquer empresa sistemática e globalizada de estudo genético de complexos manuscritos autógrafos, à luz dos conhecimentos e avanços da Crítica Textual e da aparelhagem que a informática lhe tem fornecido. Assim, ao ocupar-me destes assuntos, não tenho muito a que me reportar em termos bibliográficos, encontrando-me neste momento na fase de elaboração, de adaptação e de experimentação de dispositivos teóricos, metodológicos e operacionais necessários para o fim em vista. Por isso, o que a seguir vou apresentar não deve ser entendido como uma conclusão mas antes como uma reflexão sobre determinados aspectos da génese de um texto, feita a partir de um fragmento do autógrafo de A Capital que funciona como exemplo operatório.

O Exemplo Operatório

Selecionei um fragmento composto pelas primeiras 95 palavras da versão considerada definitiva. O critério em que se baseou esta selecção foi o seguinte: o texto é dado em 3 testemunhos (A=manuscrito inicial; C=texto impresso; D, D'= texto impresso com dois jogos de alterações) e em 7 momentos genéticos (A=2 momentos: o da escrita e um de correcção; C=1 momento; D, D'= 2 momentos cada: o da correcção ao impresso e o da correcção à correcção); além disso, apresenta todos os tipos de correcção utilizados pelo autor no conjunto da obra (rasuras, correcções, acrescentos, supressões e deslocamentos de elementos textuais). Deste modo, não se tratando de uma amostra representativa em termos estatísticos, é-o em termos processuais - que é o que aqui interessa. Eis o esquema destes 7 momentos:



(Ms.a = primeira versão sem correcções; Ms.b = primeira versão com correcções; Imp. = texto impresso sem correcções; Imp.1 = texto impresso com correcções (1a) e com correcções às correcções (1b); Imp.2 = texto impresso com outras correcções (2a) e com correcções a estas correcções (2b), e que é parte integrante de E; a não figuração de B neste estema é devida à não intersecção de C, D, D' com B).

Agora, o texto nas suas 7 fases de suspensão:

Ms.a

Na estação d'Oliveira d'Azemeis, - no Caminho de ferro do Porto - um rapaz trigueiro, magro, com um buço preto, um paletot comprido cor de pinhão, fumava, na extremidade da plataforma, e examinava o céu. Pela manhã chovera e houvera trovoadas, mas a tarde cahia com uma suavidade fresca, muito lavada, laivos rosados esbattião-se nas alturas, como pinceladas de carmin diluído em água:

Ms.b

Na estação d'Oliveira d'Azemeis, à extremidade da plataforma - no Caminho de ferro do Porto - um rapaz trigueiro, magro, com um buço preto, uma das mãos mettida no bolso do paletot cor de pinhão, a outra vergando contra o chão d'asfalto, uma bengalinha fina, examinava o céu. Pela manhã chovera e houvera trovoadas, mas a tarde cahia com uma suavidade fresca, muito lavada, laivos rosados esbattião-se nas alturas, como pinceladas de carmin diluído em água:

Imp.

Era na estação d'Ovar (caminho de ferro do Norte), na primeira semana d'abril. De manhã chovera; mas a tarde cahia muito clara, com uma frialdade fina.

A uma extremidade da plataforma, um rapaz trigueiro e magro, de pé, com uma das mãos mettida no bolso d'um velho paletot cor de pinhão, a outra ver

gando contra o chão uma bengalinha envernizada, examinava o céu; nas alturas laivos rosados estendiam-se como pinceladas de carmin muito diluido em agua:

Imp. 1a

Era na estação d'Ovar (caminho de ferro do Norte), na primeira semana d'abril.

A uma extremidade da plataforma, um rapaz trigueiro e magro, de olhos grandes, com uma das mãos mettida no bolso d'um velho paletot cõr de pinhão, a outra vergando contra o chão uma bengalinha envernizada, examinava o céu: de manhã chovera; mas a tarde cahia muito clara, com uma frialdade fina; nas alturas laivos estendiam-se como pinceladas de carmin diluido em agua:

Imp. 2a

A estação d'Ovar, no caminho de ferro do Norte, estava muito silenciosa pelas seis horas da tarde, antes da chegada do comboio do Porto.

A uma extremidade da plataforma, um rapaz magro, de olhos grandes e melancolicos, a face toda branca daquella frialdade fina d'

Imp. 1b

Era na estação d'Ovar (caminho de ferro do Porto), na primeira semana d'Abril.

De manhã chovera; mas a tarde cahia muito clara, com uma frialdade fina.

A uma extremidade da plataforma, um rapaz trigueiro e magro, de olhos grandes, com uma das mãos mettida no bolso d'um velho paletot cõr de pinhão, a outra vergando contra o chão uma bengalinha envernizada, examinava o céu: nas alturas laivos rosados estendiam-se como pinceladas de carmin muito diluido em agua:

Imp. 2b

A estação d'Ovar, no caminho de ferro do Norte, estava muito silenciosa pelas seis horas, antes da chegada do comboio do Porto.

A uma extremidade da plataforma, um rapaz magro, de olhos grandes e melancolicos, a face toda branca da frialdade fina d'outubro com uma das mãos mettida no bolso d'um velho

uma tarde d'outubro com um das mãos mettida no bolso d'um velho paletot côr de pinhão, a outra vergando contra o chão uma bengalinha envernizada, examinava o céu: de manhã chovera; mas a tarde ia cahindo muito clara e pura; nas alturas laivos rosados estendiam-se como pinceladas de carmin muito diluido em agua:

paletot côr de pinhão, a outra vergando contra o chão uma bengalinha envernizada, examinava o céu: de manhã chovera; mas a tarde ia cahindo clara e pura; nas alturas laivos rosados estendiam-se como pinceladas de carmin muito diluido em agua:

O Comentário

Para estudar o processo de variação aqui ocorrido, dividi o enunciado em 17 lugares cujas lições variam em um ou mais elementos discursivos ⁽¹⁾ quer por supressão/substituição, quer por acrescento, quer ainda por deslocamento no espaço. Eis o inventário global:

Lugar	Lição	Testemunho
1	Na estação	Ms.a,b
1'	Era na estação	Imp.; Imp.1a,b
1"	A estação	Imp.2a,b
2	d'Oliveira d'Azeméis	Ms.a,b
2'	d'Ovar	Imp.; Imp.1,2
3	- no Caminho de ferro do Porto -	Ms.a,b
3'	(caminho de ferro do Norte),	Imp.; Imp.1a
3"	(caminho de ferro do Porto),	Imp.1b
3'''	no caminho de ferro do Norte,	Imp.2a,b

(1) Rigorosamente, deveria considerar como lugar de variação todo aquele em que se verificasse uma lição variante recusada ou aceite nos momentos subsequentes; mas considerando que tanto a alteração de uma vírgula como a de uma estrutura sintáctica dão origem a lições variantes, ficáramos com um número de lugares variantes demasiado grande para uma comunicação deste tipo.

Lugar	Lição	Testemunho
4	ø	Ms.a,b
4'	na primeira semana d'abril.	Imp.; Imp.1a
4"	na primeira semana d'Abril.	Imp.1b
4'''	uma tarde d'outubro	Imp.2a
4''''	outubro	Imp.2b
5	ø	Ms.a,b; Imp.; Imp.1a,b
5'	estava muito silenciosa pelas seis horas da tarde, antes da chegada do comboio do Porto.	Imp.2a
5"	estava muito silenciosa pelas seis horas, antes da chegada do comboio do Porto.	Imp.2b
6	um rapaz trigueiro, magro,	Ms.a,b
6'	um rapaz trigueiro e magro,	Imp.; Imp.1a,b
6"	um rapaz magro,	Imp.2a,b
7	com um buço preto,	Ms.a,b
7'	de pé,	Imp.
7"	de olhos grandes,	Imp.1a,b
7'''	de olhos grandes e melancolicos, a face toda branca daquella	Imp.2a
7''''	de olhos grandes e melancolicos, a face toda branca da	Imp.2b
8	ø	Ms.a
8'	uma das mãos mettida no bolso d	Ms.b
8"	com uma das mãos mettida no bolso d'	Imp.; Imp.1,2

Lugar	Lição	Testemunho
9	um paletot comprido cor de pinhão,	Ms.a
9'	o paletot cor de pinhão, a outra vergando contra o chão d'asfalto, uma bengalinha fina,	Ms.b
9"	um velho paletot cor de pinhão, a outra vergando contra o chão uma bengalinha envernizada,	Imp.; Imp. 1,2
10	funava,	Ms.a
10'	ø	Ms.b; Imp.; Imp. 1,2
11	na extremidade da plataforma,	Ms.a
11'	ã extremidade da plataforma	Ms.b
11"	A uma extremidade da plataforma,	Imp.; Imp. 1,2
12	e examinava o ceu.	Ms.a
12'	examinava o ceu.	Ms.b
12"	examinava o céu:	Imp.; Imp. 1,2
13	Pela manhã chovera e houvera trovoada,	Ms.a,b
13'	De manhã chovera;	Imp.; Imp. 1b
13"	de manhã chovera;	Imp. 1a; Imp. 2a,b
14	mas a tarde cahia ... muito lavada,	Ms.a,b
14'	mas a tarde cahia muito clara,	Imp.; Imp. 1a,b
14"	mas a tarde ia cahindo muito clara e pura;	Imp. 2a,b

Lugar	Lição	Testemunho
15	com uma suavidade fresca,	Ms.a,b
15'	com uma frialdade fina.	Imp.; Imp.1b
15"	com uma frialdade fina;	Imp.1a
15'''	frialdade fina d'	Imp.2a,b
16	laivos rosados esbatião-se nas alturas	Ms.a,b
16'	nas alturas laivos rosados estendiam-se	Imp.; Imp.1,2
17	como pinceladas de carmim diluído em água:	Ms.a,b
17'	como pinceladas de carmim muito diluído em água:	Imp.; Imp.1,2

Estes dados podem ser melhor visualizados no Quadro 1, em que dou a distribuição das variantes de cada lugar indicadas pelo respectivo número de ordem:

Ms. a	Ns. b	Imp.	Imp. 1a	Imp. 1b	Imp. 2a	Imp. 2b
1	1	1'	1'	1'	1"	1"
2	2	2'	2'	2'	2'	2'
3	3	3'	3'	3"	3'"	3'"
4=Ø	4=Ø	4'	4'	4"	4'"	4'"
5=Ø	5=Ø	5=Ø	5=Ø	5=Ø	5'	5"
6	6	6'	6'	6'	6"	6"
7	7	7'	7"	7"	7'"	7'"
8=Ø	8'	8"	8"	8"	8"	8"
9	9'	9"	9"	9"	9"	9"
10	10=Ø	10=Ø	10=Ø	10=Ø	10=Ø	10=Ø
11	11'	11"	11"	11"	11"	11"
12	12'	12"	12"	12"	12"	12"
13	13	13'	13"	13'	13"	13"
14	14	14'	14'	14'	14"	14"
15	15	15'	15"	15'	15'"	15'"
16	16	16'	16'	16'	16'	16'
17	17	17'	17'	17'	17'	17'

Quadro 1. - Distribuição dos lugares variantes por testemunho/momento (por ordem numérica)

Deste quadro ressaltam duas realidades importantes: a sequência de reescritas do texto mostra que as alterações discursivas se fazem mais pela transformação, num dado momento, do material existente no momento anterior do que pela introdução de novos elementos ou pela supressão de outros; com efeito, apenas 3 lugares de Imp.2b não existiam em Ms.a: o lugar 8 (introduzido em Imp.) e o lugar 5 (introduzido em Imp.2a). Por outro lado, apenas 1 lugar de Ms.a foi recusado nos momentos seguintes: o lugar 10 ("fumava"). Todos os outros apenas foram objecto de transformações de vária ordem feitas geralmente no sentido da ampliação do enunciado primitivo de modo a conferir-lhe novos sentidos mas sempre relacionados com o sentido do núcleo inicial. Temos, assim, transformações ortográficas nos lugares 4, 12 e 17; lexicais nos lugares 2, 3, 4, 6, 7, 9, 13, 14, 15 e 16; morfológicas nos lugares 4, 5, 9, 11, 13, 14 e 17; sintácticas em todos os lugares excepto nos 2 e 3; e ainda a nível da pontuação e de outros sinais gráficos como o travessão e os parênteses nos lugares 3, 4, 6, 11, 12, 13, 14, 15 e 16.

A outra realidade importante é que existe uma proximidade entre os vários momentos cristalizados em cada testemunho no que diz respeito à introdução de alterações.

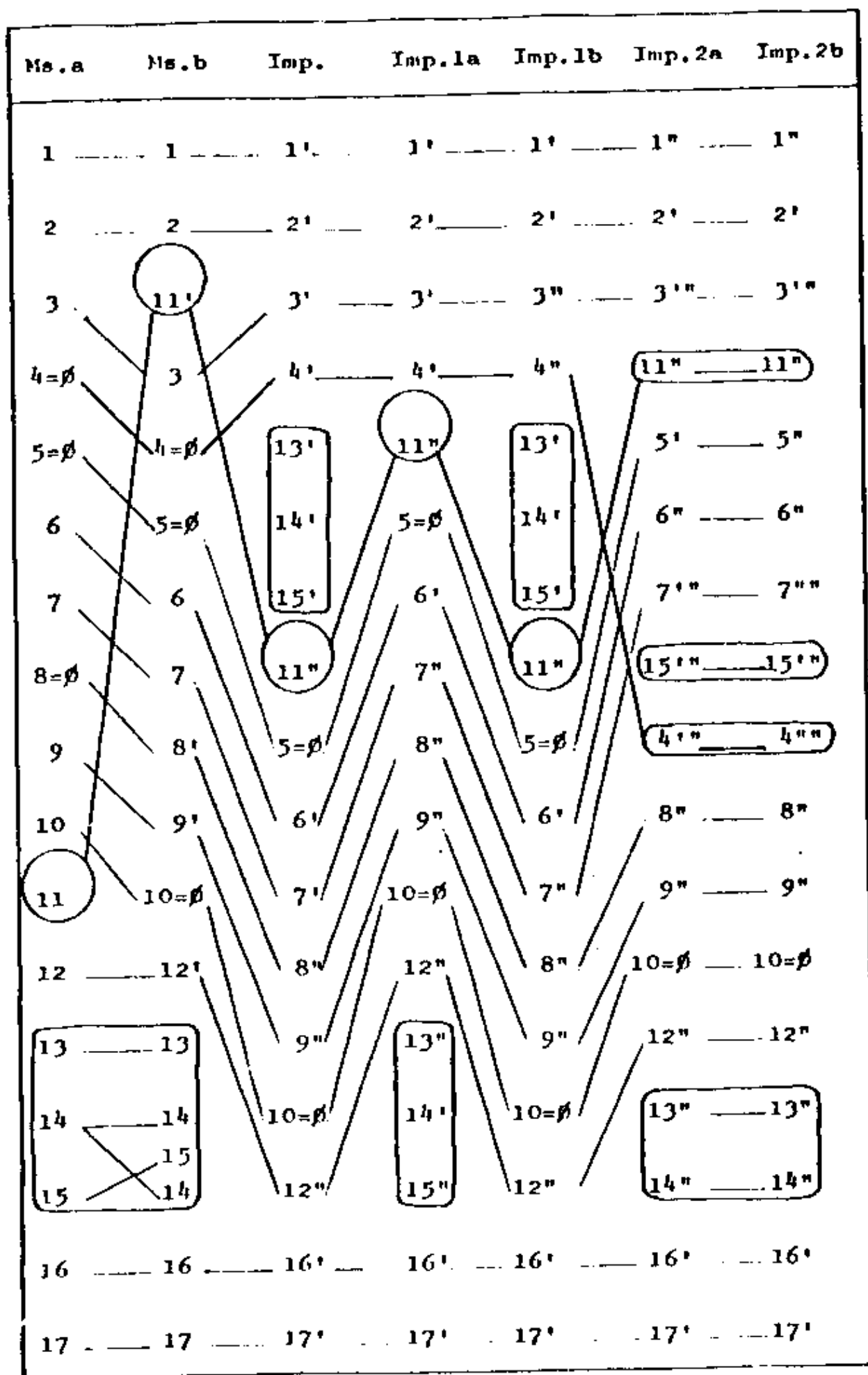
Para além destas supressões, acrescentos e transformações de sentido, uma outra há que se revela como determinante para a definição da estrutura do enunciado: a transformação por deslocamento de lugares no espaço textual. Estas transformações visam a boa ordenação dos elementos, funcionando elas mais a nível estilístico do que propriamente linguístico, embora acarretem transformações linguísticas por força dos novos contextos em que passam a funcionar; é o caso, por exemplo, da palavra "frialdade" no lugar 15.

No Quadro 2 podemos visualizar a dinâmica destes deslocamentos na consolidação da estrutura do texto.

No respeitante à dinâmica do deslocamento, podemos ver que existem 4 conjuntos ($\{A\}$, $\{B\}$, $\{C\}$, $\{D\}$) de lugares um fixo e 3 migrantes:

Conjunto fixo A = $\{A' \{1,2\}, A'' \{3,5,6,7,8,9,10,12\},$
 $A''' \{16,17\}\}$

Conjunto migrante B = $\{4\}$

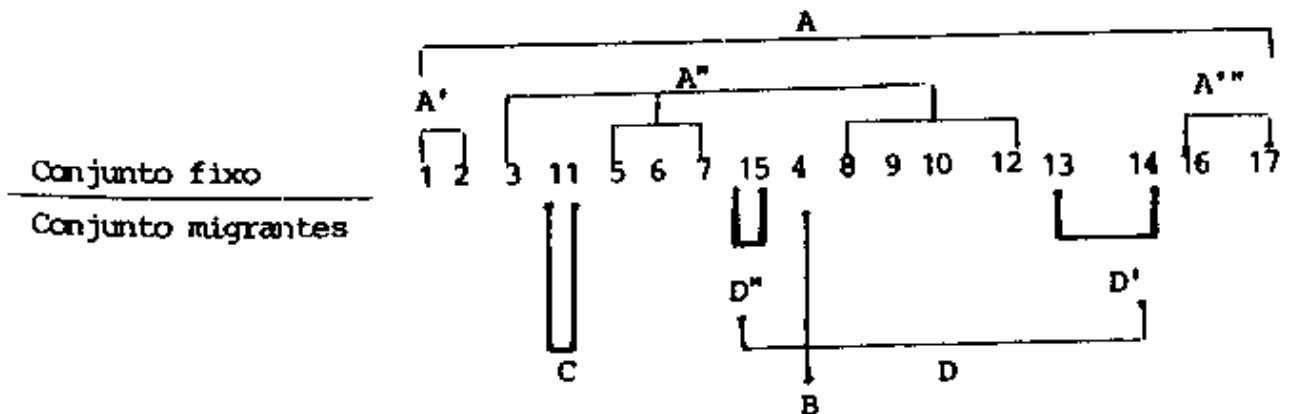


Quadro 2. - Distribuição dos lugares variantes por testemunho/momento (por ordem de localização).

Conjunto migrante $C = \{11\}$

Conjunto migrante $D = \{D' \{13,14\}, D'' \{15\}\}$.

Os 3 subconjuntos que constituem o conjunto fixo $\{A\}$ mantêm uma posição relativa entre si; enquanto os subconjuntos $\{A'\}$, $\{A''\}$ mantêm em todos os testemunhos/momentos a mesma posição, o subconjunto $\{A''\}$ sofre deslocações em bloco por interferência dos conjuntos migrantes. Estes, por sua vez, interferem de 3 maneiras diferentes: os conjuntos $\{B\}$ e $\{C\}$, migrantes singulares e dotados de grande mobilidade, vão sendo deslocados de testemunho para testemunho: $\{B\}$ só fica estabilizado no testemunho \underline{C} ; $\{C\}$, que já adquirira estabilidade no testemunho \underline{B} , estabiliza definitivamente nas noutra posição no testemunho \underline{C} . O conjunto $\{D\}$, migrante colectivo, desloca-se de duas maneiras: em conjunto nos testemunhos \underline{A} e \underline{B} , e em subconjuntos ($\{D'\}$, $\{D''\}$) no testemunho \underline{C} . Globalmente, os conjuntos migrantes dão origem a bolsas desestabilizadoras do alinhamento inicial, tornando-se assim em elementos plásticos que contribuem para a definição do esquema final que é este:



Quadro 3. - Esquema da distribuição dos conjuntos de lugares (fixo e migrantes) após os deslocamentos.

São assim as coisas vistas em abstracto. Recordemos agora os referentes textuais dos conjuntos migrantes:

- $\{C\}$ = ... extremidade da plataforma
 $\{D''\}$ = ... suavidade fresca / ... frialdade fina
 $\{B\}$ = ... primeira semana d'abril / ... tarde d'outubro / outubro
 $\{D'\}$ = ... manhã chovera ... ; a tarde cahia muito lavada / ... a tarde cahia muito clara / ... a tarde ia cahindo muito clara e pura

Como se vê, trata-se de elementos caracterizadores do contexto em que se insere a personagem "um rapaz": caracterização do espaço secundário ($C = \{11\}$); o espaço primário é "a estação") e de tempo ($B = \{4\}$, $D' = \{13, 14\}$); o referente de $D'' = \{15\}$ liga-se por contiguidade aos de $\{B\}$ e $\{D'\}$). Por sua vez, os elementos do conjunto fixo caracterizam quer o espaço primário (lugares 1, 2, 3, 5) quer a personagem tanto fisicamente (lugares 6, 7, 8, 9, 10, 12) como no respeitante àquilo que ela vê (lugares 16, 17).

O Objectivo Final

O que aqui fica exposto não passa de um exercício de método e de observação, integrado num projecto vasto e complicado que faz lembrar um novelo cujas pontas ainda procuro.

Talvez venha a ser útil um dia - ou talvez não.

Porém, ao meter-me por estas andanças, uma coisa apenas tenho certa - esta que nos foi ensinada pelo velho Lavoisier e que eu procuro adaptar à natureza do meu trabalho: na produção de um texto, nada se cria, nada se perde, tudo se transforma ⁽²⁾. E é a maneira como o texto se transforma ao longo do doloroso processo que medeia entre o discurso interior do autor e o seu discurso final que me interessa estudar.

(²) Mesmo aqueles elementos que são recusados não se perdem, porque acabam por ser recuperados mais tarde, o mesmo acontecendo com os que são introduzidos e geralmente resultam da germinação de indícios semânticos existentes já na fase anterior.